

# O que é Museologia Feminista?

ANA AUDEBERT

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

**RESUMO:** A Museologia Feminista surge como uma reflexão crítica sobre como os museus abordarão essas histórias. Além disso, discute-se a necessidade de revisitar conceitos museológicos, como musealidade, sob a ótica do feminismo, questionando as estruturas patriarcais vigentes. A autora também destaca a importância de uma Museologia inclusiva, atenta às narrativas femininas e sua relação com as desigualdades sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Museologia Feminista, Desigualdade de Gênero, Patriarcado, Musealidade.

**ABSTRACT :** Feminist Museology emerges as a critical reflection on how museums will address these stories. Additionally, it discusses the need to revisit museological concepts, such as museality, through a feminist lens, questioning existing patriarchal structures. The author highlights the importance of inclusive Museology, attentive to female narratives and their relationship with social inequalities.

**KEYWORDS:** Feminist Museology, Gender Inequality, Patriarchy, Museality.

Julho de 2020. Vivemos em meio à crise da pandemia gerada pelo coronavírus. O prato servido todo dia é a insegurança. Estamos em quarentena. O uso de máscaras é obrigatório no Brasil e na maioria dos países. A Organização Mundial da Saúde tem protocolos para reordenar as relações sociais. Países fecharam suas fronteiras. No Brasil, o número de mortes por Covid 19 ultrapassa 80.000 e seguimos desassistidos de uma política governamental de enfrentamento à doença. As desigualdades geradas pelo capitalismo estão escancaradas devido às diferenças entre as pessoas para lidar com isolamento, distanciamento social e adoecimento. Diante disso tudo, nós mulheres resistimos, enfrentamos, cuidamos. Os dados são conhecidos. Mulheres estão na linha de frente nas áreas da saúde, educação, na prestação de serviços essenciais e comércio. Sabemos do aumento

# O que é Museologia Feminista?

ANA AUDEBERT

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

da violência doméstica em situação de isolamento, da vulnerabilidade de meninas e mulheres. Eu quero saber se no mundo pós-pandemia os museus vão contar nossas histórias. Eu quero saber se no mundo pós-pandemia quando os museus abordarem o que nos ocorre agora, como as mulheres serão retratadas, se nossas vozes serão ouvidas, de todas nós e de cada uma. Quero saber especialmente das desigualdades que o viés de classe social e raça evidenciam ao fragilizar as mulheres negras, pobres, periféricas que estão mais expostas ao desemprego, à fome, ao adoecimento e à morte. Do que será propositalmente lembrado, do que será deliberadamente esquecido.

## Meu ponto de partida é a experiência pessoal

Minha comunicação, assim como a grande maioria das pesquisas e estudos feministas é fruto de minhas buscas, experiências e inquietações pessoais. A experiência pessoal é o ponto de partida e é ainda o ponto de continuidade, pois minha consciência feminista me transforma, me força repensar aspectos variados, me reposiciona em lugares e não está alheia à minha trajetória e história de vida. Com minha consciência de mulher, mãe, esposa, filha, professora foi que incorporei em minha vida, pesquisas, aulas e práticas variadas o feminismo. Um feminismo eclético, penso eu. Crítico e alheio a rótulos, que me permite movimentar-me como julgo necessário e importante. É bem verdade que tenho especial interesse e apreço pelas feministas anarquistas...

Apesar de não haver no Departamento de Museologia da UFOP uma disciplina formal sobre feminismo, mulheres e museus, esse tema atravessa minhas aulas incondicionalmente. Busco deliberadamente trabalhar com referenciais teóricos e autoras mulheres, algo que na Museologia não é nada difícil, haja visto que nossa produção é majoritariamente realizada por mulheres, historicamente e atualmente. Ainda que a grande parte delas não trabalhe necessariamente na perspectiva

# O que é Museologia Feminista?

ANA AUDEBERT

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

feminista ou mesmo de gênero esse é um ponto que gosto de problematizar também. Em 2010 criei uma Linha de Pesquisa no Departamento intitulada “Museologia, museus e gênero” e desde então venho orientando monografias e projetos de pesquisa com esse enfoque. É incrível perceber como o tema ganhou o interesse da comunidade acadêmica, especialmente discente, desde 2014 mais ou menos. Importante nesse contexto é também a experiência dos Grupos de Trabalho sobre museologia, gênero, mulheres e sexualidades no Seminário Brasileiro de Museologia que nas edições de 2015, 2017 e 2019 marcaram presença ampliando os debates. Tive a oportunidade de coordenar esses GTs nesses anos respectivamente com as parcerias das colegas Elaine Muller (2015) Marijara Queiroz e Camila Moraes Wichers (2017), Mariana Sombrio e Jean Baptista (2019).

## Museologia Feminista

Uma Museologia Feminista existe em que bases? O que possibilita que possamos, hoje, falar, pensar e tratar da Museologia nesses termos? A adjetivação dos fazeres e saberes museológicos, sejam eles acadêmicos/e ou museais não é isento de propósitos. Ao adjetivar buscamos marcar diferenças, semelhanças, excepcionalidades, recorrências. Demarcamos uma base de sustentação que nos sirva de apoio, inspiração e que nos ofereça alguns contornos para as práticas, as teorias e os saberes que produzimos ou com os quais estamos envolvidas.

Trata-se ainda da resistência/oposição à existência de uma Museologia “única”, “a Museologia”, seja ela qual for. Entretanto, como campo disciplinar, as museologias adjetivadas são parte de um campo maior da qual não podem negar o pertencimento e da qual fazem parte inegavelmente, compartilhando em certa medida algumas referências.

Ao marcar suas distinções e especificidades, qualquer museologia adjetivada precisa, no meu entender, tentar estabelecer seus pressupostos, ou seja, precisa

# O que é Museologia Feminista?

ANA AUDEBERT

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

fazer um esforço para compreender o que a define e a diferencia de outros saberes/fazeres próximos dos quais busca se particularizar e mesmo tempo com os quais mantém pontos de contato. Assim é que identificamos pautas comuns entre as Museologia LGBT e Feminista, pois sabemos que as relações de poder assimétricas presentes no sistema sexo-gênero em nossas sociedades marcam diferenças entre mulheres, homens e sexualidades dissidentes. Essas relações de poder assimétricas são construções sociais e culturais que contribuem para a opressão, subordinação e violência tanto para mulheres quanto para a população LGBT. Como assinalam Jean Baptista e Tony Boita “o tema LGBT é uma realidade no campo e possui a tendência de se desenvolver nos próximos anos, formando-se um ramo de pesquisa profícuo e aproximando o debate sobre sexualidade ao feminismo” (BAPTISTA & BOITA, 2018, p. 255).

Neste sentido, é preciso perguntar o que é uma Museologia feminista. Sabemos que existem muitos feminismos. O movimento, as epistemologias, as práticas e teorias são plurais, tanto no passado como agora. Também é preciso distinguir que gênero não é sinônimo de feminismo e que gênero não é sinônimo de mulher. A própria palavra mulher não pode ser tomada, como categoria, como algo universalizante. Nesse sentido, é importante destacar que estudos sobre mulheres e mesmo sobre gênero não são necessariamente e automaticamente feministas. Abordar o tema, por si, não é garantia de uma abordagem crítica e emancipatória sobre as condições das mulheres ou o que Simone de Beauvoir denominou de “condição feminina”. Por vezes podem ser neutras, o que corrobora o sistema hegemônico patriarcal vigente ou podem inclusive reforçar estereótipos ou leituras acomodadas sobre lugares e papéis “femininos” na sociedade.

Muito longe de estabelecer modelos ou regras, uma possibilidade para pensarmos uma Museologia Feminista seria nos voltarmos para as recorrências ou valores que estão presentes no feminismo, em especial no latino-americano. Esses

# O que é Museologia Feminista?

ANA AUDEBERT

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

valores são um tanto mais estáveis e podem nos ajudar a pensar bases para estudos feministas na Museologia. Pois há certas características, núcleos duros ou princípios que se relacionam com a prática e ideologias feministas e que ajudam mais a descrevê-la do que defini-la. Segundo Luz Maceira Ochoa, são eles: “una meta explícita de terminar el patriarcado y la opresión, y de empoderar o dar voz e influencia a aquellos grupos desempoderados por las estructuras patriarcales; validar formas de conocimiento distintas a los modelos “objetivos, “jerárquicos” y “autoritarios”; y un foco em la práctica, com énfasis más em el proceso que em el producto o contenido” (OCHOA, 2008).

Da mesma forma, a adoção das epistemologias e teorias feministas elaboradas em diversas áreas de conhecimento e em diferentes perspectivas trazendo-as para nosso campo, observando como nossos conceitos e história podem se alterar nessa releitura pode fornecer boas bases para uma museologista feminista. Essa foi exatamente minha experiência durante a pesquisa de doutorado quando busquei compreender os conceitos de musealidade, musealização e colecionismo à luz dos conceitos de patriarcado, androcentrismo e gênero (AUDEBERT OLIVEIRA, 2018). Na radicalidade e simplificando, uma Museologia Feminista, a meu ver, precisa estar comprometida com a luta contra o patriarcado.

Seguindo a perspectiva de Heleieth Saffioti, “o patriarcado refere-se a milênios da história mais próxima, nos quais se implantou uma hierarquia entre homens e mulheres, com primazia masculina. Tratar esta realidade em termos exclusivamente do conceito de gênero distrai a atenção do poder do patriarca, em especial como homem/marido, “neutralizando” a exploração-dominação masculina” (SAFFIOTI, 2009).

Entendidos como poderosas instâncias de legitimação de poderes, discursos e identidades, os museus e suas coleções precisam ser analisados a partir dos conceitos patriarcado e também de gênero, pois são instituições e práticas que

# O que é Museologia Feminista?

ANA AUDEBERT

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

historicamente colaboram para sustentar e naturalizar as situações de desigualdade, dominação, exploração e violência contra as mulheres. A Museologia Feminista, a meu ver, tem o compromisso de empreender essa análise e trabalhar para a mudança dessa estrutura, tanto no campo dos museus quanto do patrimônio de modo mais geral.

## Valores e musealidade

Museus trabalham com valores. Basicamente construímos um sistema de valores que ordenamos em discursos através da cultura material ou imaterial. Esses discursos via de regra são tomados como verdades e terminam, na maioria das vezes, por reificar a estrutura patriarcal vigente. O conceito de musealidade é importante de ser revisitado. Musealidade é a qualidade distintiva do objeto museológico que lhe destina um valor documental ou de testemunho. O valor documental do objeto museológico não é um dado em si, pronto, inerente e por isso é crucial operar a desnaturalização dos objetos e das coleções nos museus. Admitir que os critérios e os valores atribuídos a esses objetos e coleções mudam é inseri-los na dinâmica temporal, mas também crítica, salientando que o que se apresenta nos museus é fruto dos olhares das mulheres e homens que lhes conferiram o status de patrimônio. Esse status se modifica em função tanto da perspectiva histórica quanto das ideologias das pessoas que atuam nessas instituições. Dessa forma, entendendo a musealidade como valor atribuído que se modifica, podemos nos questionar sobre a musealidade como produto de sistemas de pensamento (SCHEINER, 2013) e avançar no sentido de apontar a musealidade como produto das relações de gênero, ou seja das relações de poder. Neste sentido, a musealidade é um conceito que precisa ser revisitado e questionado a partir da lógica androcêntrica e patriarcal presente na sociedade e nos museus.

# O que é Museologia Feminista?

ANA AUDEBERT

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

É na relação com a memória que a musealidade atinge a potencialidade da crítica que desejamos apontar. A musealidade opera/projeta uma aderência de valores nos objetos. Esses valores estão relacionados a memórias, individuais e coletivas que os objetos e coleções passam a representar. As coleções e objetos não são a memória das coisas, dos eventos, fatos, mas uma representação concreta, possível, do passado no presente. Promovem uma manutenção, ainda que precária, que liga o tempo passado ao presente e que tem potencial para se projetar, de alguma forma, no futuro. Essa manutenção, essa memória, entretanto, é construída na relação que estabelecemos com os bens culturais. A relação que historicamente estabelecemos põe o foco no homem como agente determinante das práticas sociais e envolve numa bruma constante as atividades desenvolvidas pelas mulheres. O potencial de todo e qualquer objeto para evocar a memória das mulheres é real, mas ele não é ativamente usado porque operamos na lógica androcêntrica.

Postos em relação e na potência de representação da memória, as coleções e objetos nos museus podem apresentar e evidenciar as mulheres em diversas práticas e atividades, questionando inclusive os limites e estereótipos a elas vinculados, colocando a experiência feminina na densidade ontológica que lhes caracteriza a existência a partir das experiências que vivenciaram historicamente e na atualidade. É preciso agir para a construção da história e das memórias das mulheres nos museus e para que se coloque também em evidência as tensões, os embates, as cicatrizes de tudo o que foi esquecido deliberadamente e que faz com que nós mulheres não se reconheçam e não se sintam representadas nas narrativas construídas pelos museus.

## Museu nosso de cada dia

Até onde eu saiba não existe um museu feminista no Brasil. Também não existe um museu das mulheres. Mas os acervos de nossos museus estão repletos de

# O que é Museologia Feminista?

ANA AUDEBERT

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

cultura material que podem contar as nossas histórias. É bem verdade que de alguns anos para cá, alguns museus têm empreendido esforços para incorporar em suas exposições objetos que tragam o universo feminino para o olhar do público visitante. Nem sempre isso é feito de forma emancipatória, esse é um perigo. Um dos museus que trabalham de forma objetiva, emancipatória e crítica as histórias das mulheres brasileiras é o Museu da Pessoa. Um museu virtual e colaborativo fundado em São Paulo em 1991 e que reúne mais de 20 mil histórias de vida, além de imenso acervo fotográfico e tem coleções específicas sobre mulheres. Vale muito passear e pesquisar no museu com esse olhar para as trajetórias das mulheres. O que tenho observado, pela minha experiência, é o trabalho dos setores educativos dos museus que buscam problematizar as exposições colocando questões ligadas às mulheres ou aos debates de gênero, tentando, assim, suprir as lacunas dos discursos existentes.

Vale a pena destacar a existência da Associação Internacional de Museus das Mulheres (IAWM). Em 2019 esta instituição listou a existência de 96 museus de mulheres, sendo 19 deles virtuais, somando-se, ainda, a mais 47 novas iniciativas pelo mundo. O site da Associação é bem completo com um mapa mundi informando a localização, nome e contato de cada instituição. É muito interessante também visitar o site e escolher museus para conhecer no mundo todo e que tratam da memória e história das mulheres em contextos tão variados. Muitos apresentam exposições virtuais de seus acervos, bem como suas pesquisas. Muitos também tem um perfil em redes sociais, como o facebook e instagram e também é possível acompanhar as atividades desses museus nessas plataformas. Nesse sentido, tenho acompanhado mais de perto o Museo de las Mujeres do Chile criado em 2018 e o Museo de la Mujer do México fundado em 2011 e vinculado à Universidade Nacional Autónoma de México (UNAM). Ambos possuem uma perspectiva feminista marcada. O Museo de la Mujer do México, também por estar vinculado à Universidade, possui um centro de documentação e biblioteca especializada em

# O que é Museologia Feminista?

ANA AUDEBERT

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

história das mulheres e feminismo e promove muitos eventos, palestras, além das exposições de longa duração e temporárias. Ver e conhecer esses museus e tantos outros é muito inspirador e nos faz perceber também o quanto precisamos caminhar ainda no Brasil para a construção de uma política de memória das mulheres em nossos museus. Seria uma utopia apenas se criarmos aqui o Museu das Mulheres brasileiras?

## Considerações Finais

Encaminhando para o final essa breve comunicação, gostaria apenas de relatar duas pesquisas mais pontuais que venho desenvolvendo no momento e que se encontram em fase inicial e intermediária. A primeira delas é sobre Ex Libris de mulheres escritoras. Durante a pesquisa para o doutorado, ao analisar a coleção da museóloga e indumentarista Sophia Jobim do Museu Histórico Nacional, me deparei com o Ex Libris dela. Tratei dele de forma breve na tese, pois não era possível naquele momento aprofundar esse tema. Agora, inspirada por ele, estou fazendo o levantamento do Ex Libris de algumas mulheres escritoras e dando ênfase ao de algumas museólogas como Nair de Moraes Carvalho, Jenny Dreyfus e de escritoras como Cecília Meirelles e outras mulheres intelectuais brasileiras pouco conhecidas. O Ex Libris, para quem não conhece, é um objeto de cultura material muito interessante. Espécie de selo de propriedade feito em variadas técnicas, geralmente gravura, e que é colado na antecapa dos livros da biblioteca da intelectual e que ilustra sua ideologia, seu gosto artístico, dentre outras informações da proprietária em algo um pouco maior que um selo. São objetos que ajudam a rastrear as redes de relações entre mulheres, pois há na biblioteca de algumas, livros com Ex Libris de outras. A outra pesquisa é um projeto de iniciação científica apoiado pela Pró-Reitoria da Pesquisa (PROPP) da UFOP. Nessa pesquisa conto com a discente em Museologia da UFOP Arianne Campos que é bolsista de iniciação científica no projeto. Partimos da ideia de que a cidade de Ouro Preto foi constituída como

# O que é Museologia Feminista?

ANA AUDEBERT

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

patrimônio dentro de perspectivas discursivas elaboradas principalmente por homens. Observa-se historicamente a produção imagética e textual que desde o início do século XX coloca a cidade como "reliquia", "monumento" e "patrimônio" construída pelo olhar de memorialistas, viajantes, intelectuais, artistas e gestores homens justificando ações preservacionistas e de musealização. Importa destacar que as mulheres produziram discursos sobre Ouro Preto e sua perspectiva patrimonial. A pesquisa analisa a produção publicada em livro de quatro autoras mulheres: Eponina Ruas, Lucia Machado de Almeida, Maria Aracy Lessa e Maj Gustafson. Todos os livros em questão tratam exclusivamente de Ouro Preto. Nosso principal objetivo é compreender o discurso memorialístico elaborado por elas sobre a cidade e seu patrimônio. Assim fazemos nossa Museologia Feminista no momento, mas quantos outros caminhos podem ser feitos... há quase tudo a ser pesquisado, revelado e questionado sobre mulheres, museus e seus patrimônios em nossa terra que tem palmeiras e onde canta o sabiá...

## Referências

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. Por uma Primavera LGBT nos Museus: entre muros, vergonhas nacionais e sonhos de um novo país. *Museologia e Interdisciplinaridade*. v. 7, n. 13, 2018

OCHOA, Luz Maceira. El sueño y la práctica de si. *Pedagogia feminista: una propuesta*. México, D.F: El Colegio de Mexico, Centro de Estudios Sociologicos, Programa Interdisciplinario de Estudios de la Mujer, 2008.

OLIVEIRA, Ana Cristina Audebert Ramos de. Gênero, mulher e indumentária no museu: a Coleção Sophia Jobim do Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro, 2018. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio). Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO; Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST.

# O que é Museologia Feminista?

ANA AUDEBERT

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

SAFFIOTI, Heleieth. Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra mulheres. Estudos e Ensaio, FLASCO-Brasil, 2009.

SCHEINER, Teresa. Museu, Museologia e a 'Relação Específica': considerações sobre os fundamentos teóricos do campo museal. In: Ciência da Informação (Online), v. 43, n. 3 p. 358- 378, set/dezembro, 2013.

WICHERS, Camila Moraes. Museologia, feminismos e suas ondas de renovação. Revista Museologia & Interdisciplinaridade, v.7, n. 13, 2018.

<https://acervo.museudapessoa.org/pt/home>. Acesso em 21 de julho de 2020

<https://iawm.international/>. Acesso em 21 de julho de 2020

<https://www.facebook.com/MuseodelaMujerMexico>. Acesso em 23 de julho de 2020

<https://museodelasmujereschile.cl/>. Acesso em 23 de julho de 2020

<http://museodelamujer.org.mx/virtual/>. Acesso em 23 de julho de 2020

## **SOBRE AS AUTORIAS:**

**Ana Audebert, Universidade Federal de Ouro Preto**

Doutora em Museologia e Patrimônio (UNIRIO/MAST) e Docente no Departamento de Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: [audebert@ufop.edu.br](mailto:audebert@ufop.edu.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8579-2726>

**RECEBIDO em: 12/12/2020**

# O que é Museologia Feminista?

ANA AUDEBERT

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

**APROVADO em: 25/01/2021**